Desafios epistemológicos do campo da Educomunicação
Uma análise comparativa da contribuição de Braga, Huergo e Soares[1]

Rose Mara PINHEIRO[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Faculdades Metropolitanas Unidas, SP

RESUMO

Na virada do século 20, o desafio epistemológico foi abordado por três pesquisadores latino-americanos que desenvolveram e publicaram trabalhos totalmente independentes e simultâneos a respeito da relação Comunicação e Educação. José Luiz Braga, Jorge A. Huergo e Ismar de Oliveira Soares apresentaram abordagens e enfoques diferentes que contribuem para o entendimento epistemológico dessa intersecção. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise comparativa dessas três pesquisas, elucidando convergências, divergências e, principalmente, propostas e contribuições para o entendimento do campo.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia; comunicação; educação; educomunicação.

TEXTO DO TRABALHO

Na virada do século 20, o desafio epistemológico foi abordado por três pesquisadores latino-americanos que desenvolveram e publicaram trabalhos totalmente independentes e simultâneos a respeito da relação Comunicação e Educação. Três abordagens e enfoques diferentes que contribuem para o entendimento epistemológico da intersecção entre esses dois campos.

José Luiz Braga, Jorge A. Huergo e Ismar de Oliveira Soares[3] debruçaram-se longamente no estudo dessa interface e apresentaram perspectivas diferenciadas e muitas vezes complementares para entender as complexas relações entre Comunicação e Educação. Enquanto Braga elucida as questões delicadas da interface, tanto do ponto de vista da Comunicação, quanto da Educação; Huergo apresenta um mapa transversal passando pela cultura, autonomia e política; e, por último, Soares olha a relação a partir do contexto da gestão e da política pública, buscando uma intervenção social.

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Jornalista, professora universitária da FMU e doutoranda do Curso de Ciências da Comunicação / Interfaces Sociais da Comunicação / Educomunicação da ECA-USP, e-mail: rosepinheiro@usp.br

[3] As citações a esses três autores estão especificadas nas referências bibliográficas no final deste trabalho.

O presente trabalho pretende traçar uma análise comparada entre essas três contribuições buscando elucidar a chave de leitura para desvelar as complexas relações que envolvem a formação do novo campo da Educomunicação. A nossa proposta é abordar os conceitos comuns, olhares diferenciados e posições contrárias.

A partir dessa análise conceitual comparativa, buscamos os paradigmas que impedem ou promovem o diálogo entre a Comunicação e a Educação. Mais do que identificar projetos de intervenção que tem consciente ou inconscientemente trabalhado conceitos que fundamentam a relação ou estabelecem o diálogo entre uma área e outra, buscamos aprofundar a discussão sobre os parâmetros que apontam caminhos ou indicam a necessidade de uma revisão da Educação e da própria Comunicação.

Para efeito de categoria de análise, vamos elencar os pontos abaixo como cruciais para o entendimento dos desafios epistemológicos identificados pelos três pesquisadores:

- O contexto e os problemas identificados em cada pesquisa
- As definições sugeridas
- As convergências e divergências
- As principais contribuições e propostas

Dessa forma, pretendemos trazer à luz a contribuição dos três pesquisadores para a consolidação do campo da Comunicação/Educação ou Educomunicação. É importante salientar que depois desses trabalhos outras pesquisas e iniciativas aprofundaram as ideias desses mesmos autores, mas para nós, neste momento, é importante resgatar os desafios epistemológicos identificados no início do século por esses pesquisadores, que servem de norte para a construção e aproximação dessa área comum.

Antes de entrarmos na análise comparativa, é importante esclarecer que apesar de terem o mesmo tema, os objetivos da pesquisa eram diferentes. Braga procura "relacionar os dois campos para tentar perceber as características da situação social em que estes se colocam ao serem postos em interação". Já Huergo busca na topografia formas de atravessar o território da Comunicação/Educação; e Soares, por meio da pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, quer mostrar que a inter-relação já tem "densidade própria e se afigura como um campo de intervenção social específico". A partir dessas óticas, os três vão fundamentar as diferentes perspectivas sobre a área.

A profunda transformação da sociedade nas últimas décadas é o pano de fundo para a análise dos três pesquisadores. Ninguém e nenhuma instituição conseguem passar incólume sobre as alterações promovidas na atualidade. Para Braga, o papel da comunicação é

relevante em função do "desenvolvimento de processos mediáticos e geração de procedimentos públicos", além do que o próprio ângulo comunicacional aumentou sua presença em espaço e atividades da sociedade, "decorre da forte intensidade, diversidade e rapidez com que a interacionalidade mediatizada se inscreve em todas as atividades humanas e sociais". Isso justifica repensar a função da escola e sua metodologia. "A escola se encontra em uma profunda crise de hegemonia", afirma Huergo, concordando com a presença massificadora dos meios, mas apresentando um novo elemento para essa alteração:

> Vivemos hoje uma acelerada revolução das percepções, das práticas, das representações e dos imaginários; mas não são tanto os meios e as tecnologias os que desafiam a escolarização, senão a tecnidade e a cultura mediática na trama da cultura social. (...) O cenário educativo está testemunhando a impotência da racionalização.

Soares identifica em sua pesquisa "uma grande preocupação dos entrevistados com as mudanças pelas quais passa a sociedade contemporânea, seja em termos de algo que se perde como de algo que se conquista". Em sua análise, as próprias mudanças justificam a aproximação das duas áreas.

Antes de apresentar as interfaces da Comunicação e Educação, Braga traça detalhadamente as características tanto de uma quanto de outra área, mostrando claramente suas influências sobre a sociedade e a total dependência desta para a elaboração de processos simbólicos e educativos. Para ele, as questões são delicadas em função dos dois campos serem "abrangentes e avassaladores", e que se invadem mutuamente, numa forte relação de fluxo. Além disso, Braga apresenta razões para esclarecer a sutileza das articulações entre os dois campos:

1. A confluência de lógicas diferenciadas
2. Sérias e constantes mutações – processo de reconstrução permanente – espaço de experimentação e risco
3. Espaço de dúvida e incerteza
4. Posicionamentos generalizados e simplificadores de deslumbramento por processos tecnológicos
5. Complexas – não apresenta respostas simples

> As interfaces se caracterizam normalmente como uma interdisciplinaridade, na qual os campos trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum. (...) O interfaceamento em vez de apenas gerar um campo específico na fronteira, tendencialmente penetra os dois campos solicitando

> reconsiderações em largas porções de suas práticas e seus conceitos. (...) Não estamos afirmando que não se possa recortar um campo específico, interdisciplinar, nas fronteiras entre Comunicação e Educação. Propomos, entretanto, que esse recorte não dá conta de todas as questões que podem surgir na interface.

A partir dessa posição, Braga apresenta diferentes ângulos dessa interface, tanto do ponto de vista de ações de construção educacional, como o uso de meios nos processos formais de ensino (presencial e a distância) e o encontro entre o sistema escolar e a própria sociedade de comunicação, numa proposta complementar de educação para os meios e de leitura crítica; e do ponto de vista de ações de construção comunicacional, como a sociedade mediatizada impõe sua presença, oferecendo forte concorrência com a escola; fazendo circular os saberes de modo acelerado, modificando as aprendizagens e, sobretudo, os dispositivos de mediação. "Aprende-se de outro modo, outras coisas".

Outro espaço de interfaceamento, para Braga, é a velocidade da atualização e disponibilização dos conteúdos e programas curriculares. É impossível para a escola acompanhar o imediatismo da mídia. A própria interação entre os campos especializados e a sociedade leiga, decorrente da disponibilização de conteúdos pela mídia, é uma área delicada para o autor. Entretanto, Braga chama a atenção para a transdisciplinaridade, o que ele considera como "talvez o ângulo de interação mais relevante entre os dois campos". O pesquisador considera também a exigência de um novo perfil profissional, que tenha sensibilidade para trabalhar com essas questões.

Huergo, por sua vez, apresenta inicialmente três maneiras para atravessar o território da Comunicação/Educação:

- As relações entre as instituições educativas e os horizontes culturais
- Os vínculos entre a educação e os meios de comunicação
- Os laços entre educação e novas tecnologias

Na primeira questão a ênfase está na atitude de negação ou denúncia que as instituições assumem frente aos efeitos e manipulações dos meios de comunicação. Segundo ele, as instituições educativas e os meios atuariam como duas escolas paralelas na percepção do mundo, distribuição de saberes, aquisição de valores e nos próprios processos de socialização. Aqui o autor esclarece o conceito de "alfabetizações pós-modernas", que são provocadas pelos meios e suas tecnologias, determinando o que ele nomeou como "pedagogia perpétua". Por isso, Huergo evidencia o papel da cultura, como um campo de luta por significado. "Daí que algumas investigações em Comunicação/Educação tenham

começado a considerar a intensidade das contrações socioculturais e as redes de conformismos, reconhecimentos ou oposições que se evidenciam nas instituições educativas."

Em relação à segunda maneira de atravessar o território da Comunicação/Educação, Huergo foca nas práticas e projetos de ação para demonstrar as diferentes perspectivas pedagógicas utilizadas na interface. Entre elas, podemos destacar a pedagogia da comunicação, que é baseada num modelo funcional-culturalista para manter o sistema existente ou a experiência latino-americana, que pretende promover a criticidade e o diálogo.

Huergo chama a atenção para a conjunção utilizada na expressão "os meios na escola", que indicaria simplesmente a função instrumental dos meios, como apoio, suporte ou reforço no ensino. Já no caso da "educação para a recepção", a preposição enfatiza o processo subjetivo, comparando o educando ao receptor, preocupando-se com as relações estabelecidas entre as pessoas que participam do processo, numa proposta de "recepção ativa", voltada à leitura crítica e dialógica dos meios.

Por último, os laços entre a Educação e as novas tecnologias da Informação e da Comunicação apontam para o debate sobre a inclusão de tecnologias na educação, tanto como meio de ensino quanto como possibilidade de transformação da pedagogia tradicional e redefinição a própria relação homem/máquina.

Ainda em relação à preposição para (educação para a comunicação / comunicação para a educação), Huergo critica a ideia de atribuir à comunicação uma situação de causa para ganhar efeitos educativos e, ao mesmo tempo, à educação apenas uma função para alcançar a comunicação harmoniosa.

Como crenças e preconceitos, Huergo aponta três aspectos tidos como crenças ou preconceitos que se resignificam em práticas atuais:

1. A educação disciplina a entrada do mundo na consciência: vai ao encontro do conceito de "educação bancária", preconizado por Paulo Freire, onde o educando é passivo e a instituição escolar é guardiã do "erudito", do "culto";
2. A educação como preparação para a civilização prometida: remete ao Iluminismo e a aquisição do saber;
3. A convicção de que a educação tem que circular ao redor da leitura e da escrita, justamente como possibilidade de obter um conhecimento claro e distinto da realidade: "trabalha com os meios como se fossem livros".

Outro ponto fundamental para a questão da "comunicação para a educação" é a exagerada expectativa atribuída às tecnologias.

> A ilusão de que as redes tecnológicas produzem uma democracia direta, uma comunicação social harmoniosa e um mundo melhor. É possível religar (com a carga religiosa) a tecnologia com a felicidade humana. (...) A tecnoutopia tem contribuído a imaginar que é possível a construção de redes de comunicação transparente. Ao separar a tecnologia da cultura, separa a comunicação dos processos culturais. É a partir desta formação cultural emergente que se tem reforçado o sentido de Comunicação para a Educação, que contem a crença de que a comunicação implica transparência, entendida como claridade, isto é, como o contrário da opacidade dos processos socioculturais.

Huergo esclarece o sentido de transparência na afirmação acima: como acordo (forma atenuada de compromisso social); como possibilidade de retroalimentação ou feedback; como construção de uma comunidade ideal de comunicação, consagrando o caráter ativo das audiências; e como interação microeconômica. Entretanto, para Huergo, estamos diante de uma sociedade depredadora, forja as identidades violentamente em torno das idiossincrasias do marketing e do consumo.

Buscando uma saída para esse cenário avassalador, Huergo aponta para um projeto transversal de Comunicação/Educação, pensando em duas abordagens distintas: a profundidade dos estudos culturais da comunicação **na** educação e a construção criativa de uma pedagogia crítica das mediações culturais. "Necessitamos atualizar e aprofundar a desconstrução/crítica da escolarização e da tecnoutopia, desde uma genealogia da cultura latino-americana."

As articulações da nova educabilidade devem passar necessariamente pela trama cultural para permitir que os sujeitos se reconheçam e que haja uma comunicação de resistência e transformação. Em seu projeto, as palavras-chaves são diálogo, reconhecimento e autonomia

> A comunicação na (e não para) educação e a comunicação educativa dialógica têm sentido como construção do sujeito histórico coletivo em luta pela liberdade. (...) Autonomia que significa instituir um campo para a palavra, liberando o fluxo das representações e dos sonhos e pronunciando um mundo que não se apoia em nenhuma representação dada, senão um sonho comum.

Com muita clareza e discernimento, Huergo afirma que não podemos restringir os projetos de Comunicação/Educação a "educação para a comunicação" ou "comunicação para a

educação", o que significaria dizer: "escolarizar a comunicação" ou "tecnificar a educação". Para vencer os obstáculos que surgem nas duas áreas, o pesquisador afirma que a saída é a política. "Comunicação/Educação, então, é sempre política enquanto instituição da democracia como regime do pensamento coletivo; é projeto de autonomia enquanto liberação da capacidade de fazer pensante".

Abordando os resultados da pesquisa do NCE, Soares traça um panorama da construção da inter-relação Comunicação/Educação. Com base em possíveis materializações do campo e partir de um substrato comum – a ação comunicativa no espaço educativo –, o pesquisador analisa áreas concretas de intervenção social, como a educação para a comunicação; a mediação tecnológica na educação; a gestão comunicativa; e a reflexão epistemológica[4]. É interessante observar que as palavras-chaves para Soares são interdiscursividade e o discurso-transverso, apoiado nas relações entre os sujeitos que fazem parte e constroem o ecossistema comunicativo.

A pesquisa também aponta a necessidade de um novo profissional – o educomunicador – que seria capaz de gerir as demandas da sociedade atual, promovendo um processo dialógico e transdisciplinar entre os atores sociais envolvidos na aprendizagem – formal, não-formal ou informal.

A pesquisa evidencia, na verdade, a transformação não só de campos do saber mas as transformações das ciências, em especial as humanas, assim como do campo das artes na sociedade contemporânea, na qual assiste-se a uma derrubada de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações. O que o projeto pretende, de fato, é identificar como se estabelecem espaços transdisciplinares próprios das atividades do saber.

Como a primeira tentativa de sistematizar e apresentar as bases teóricas que orientam e orientavam os pesquisadores da Comunicação/Educação, a iniciativa mostra de forma bem estruturada a legitimidade do novo campo.

Para Soares, a Educomunicação abrange práticas que tenham como objetivo a ampliação da autonomia dos sujeitos sociais por intermédio da comunicação ou dos recursos da informação. Neste sentido, os objetivos ou os pressupostos de todo projeto que se autodenomina educomunicativo deve, no mínimo, prever:

[4] No momento, são consideradas áreas de intervenção: a gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos; a expressão comunicativa; a educação para a comunicação; a mediação tecnológica nos espaços educativos; a reflexão epistemológica; a pedagogia da comunicação; e a produção mediática para a educação.

1) o "empoderamento" das pessoas para se expressarem e, portanto, para se apropriarem dos recursos midiáticos, a partir do seu ponto de vista e dos seus próprios projetos e interesses;
2) a aplicação do diálogo entre os agentes no processo educativo, com a promoção das capacidades e habilidades preexistentes, mas pouco desenvolvidas, tendo como resultado o uso cada vez mais intenso das novas tecnologias e de novas linguagens na interação humana e grupal;
3) a formação dos agentes educacionais para a mediação social de conflitos e para a promoção de valores de solidariedade social;
4) a ampliação da capacidade dos agentes culturais para a discussão de temas transversais e próximos ao cotidiano social;
5) a promoção da gestão participativa dos processos comunicativos.

Pressupõe, também, que novas subjetividades sejam desenvolvidas, sendo elas: a ampliação do coeficiente comunicativo dos sujeitos; o fortalecimento da noção de cidadania como meta a ser alcançada; a abertura para a convivência em cenários de complexidade social; e a motivação para o exercício do protagonismo.

A análise comparativa das três pesquisas evidencia a necessidade de um novo campo intitulado Comunicação/Educação ou Educomunicação. Mais do que divergências, as pesquisas indicam convergências: áreas de atuação fundamentais para uma nova educabilidade, como afirma Huergo. Todos concordam que não basta a utilização ou a ampliação da tecnologia nos ambientes escolares. A tecnologia é uma plataforma para que as relações se estabeleçam ou não. O fundamental é criar espaços para o diálogo, para que a palavra possa ser exercida com autonomia, procurando ampliar as vozes e protagonistas.

Em busca de uma revitalização dos processos de aprendizagem e ensino nos ambientes educativos, as propostas dos três pesquisadores no início do século apontam para a aproximação inquestionável das duas áreas, fundamentais para a sobrevivência da sociedade contemporânea.

Além disso, por processo de experimentação e erro, como sugere Braga, ou pela práxis educomunicativa, como indica Soares, há a necessidade premente de revisitar a escola e o papel do professor e recolocar a tecnologia no papel de instrumento de mediação, mas jamais como a mediação em si.

A Comunicação/Educação deve suplantar barreiras criadas por mitos e medos da sociedade contemporânea, tanto em relação aos meios, quanto à tecnologia, mas não pode se restringir

a conceitos preestabelecidos, que limitam sua função libertadora e emancipadora em busca de um sujeito que seja pleno, consciente e ativo. Mais que um movimento, um comportamento, um projeto de intervenção social, um conceito de marketing, a Educomunicação é um campo de conhecimento, que não pode ser entendido fora da constituição da sociedade contemporânea, com todas as suas transformações estruturais e comportamentais que modificaram a Educação.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Maria Regina. *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

HUERGO, Jorge. "Comunicación/Educación: itinerarios transversales". In: VALDERRAMA, Carlos Eduardo. *Comunicación-educación: coordenadas, abordajes y travesías*. Bogotá: Universidad Central, 2000, pp. 3-25.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais". In: Contato, Brasília: Ano 1, n.2, jan./mar. 1999, pp. 19-74.